

QREN - Aldeias de Memória

História de Vida

de

Eliseu Neves Fonseca

registada em 2009-02-04
por

Carla Aguiar e Cláudia Simões

Eliseu Neves Fonseca

Eliseu Neves da Fonseca nasceu na Benfeita a 16 de Dezembro de 1943. O pai chamava-se Jaime da Fonseca e a mãe Laura Gonçalves das Neves. O pai era sapateiro. Morreu quando Eliseu era pequeno, por isso foi criado com a mãe e avó. “Vivia-se era da agricultura, do milho, das batatas.” A mãe era doméstica. Teve um irmão. Eliseu foi para a escola com 6 anos, na Benfeita. Andou até à quarta classe. A partir dos 9 anos já ajudava. “Já ia buscar lenha, já ia buscar pinhas, já ia ao mato para os animais.” Aos 11 anos foi dar serventia a pedreiros. Depois de dois ou três anos nas obras, foi aprender a arte de carpinteiro. Entretanto foi para a tropa, em Abril de 1964 e saiu em Junho ou Julho de 1966. Em 1968 resolveu ir para Moçambique, primeiro para as cantinas e depois era motorista, numa companhia de estradas. Em Julho de 1976 regressou. Andou dois ou três meses a dar serventia aos pedreiros, fazia serviço de carpinteiro. Até em 1977, foi trabalhar no barro branco, a caminho do Porto, Aveiro. Depois regressou a casa e foi trabalhar para Côja, durante quase 29 anos. Conheceu a esposa na Benfeita. Andaram “à volta de dez anos um atrás do outro”. Casaram no dia 2 de Setembro de 1967, na Benfeita. Tiveram uma filha.

Índice

Identificação Eliseu Neves da Fonseca.....	4
Ascendência Jaime da Fonseca e Laura Gonçalves das Neves.....	4
Educação Lápis, canetas, vara e régua.....	5
Infância O traquina.....	5
Namoro Dez anos um atrás do outro.....	7
Casamento Um casamento com fatura.....	7
Descendência Descendência feminina.....	8
Percurso profissional O meu forte.....	9
Costumes Tempos de alegria.....	11
Lugar Pedacos do tempo.....	22
Quotidiano "A agricultura não dá".....	24
Sonhos Paz e saúde.....	25
Avaliação "Devia ser mais vezes".....	25

Identificação *Eliseu Neves da Fonseca*



Eliseu das Neves Fonseca

Sou Eliseu Neves da Fonseca. Nasci na Benfeita a 16 de Dezembro de 1943.

Ascendência *Jaime da Fonseca e Laura Gonçalves das Neves*

O meu pai chamava-se Jaime da Fonseca. A minha mãe Laura Gonçalves das Neves. O meu pai mal o conheci. Diz-se que era sapateiro. A minha mãe era doméstica. O meu pai esteve para Lisboa, deixou a minha mãe, foi para lá. Veio morrer cá, mas eu era pequeno não me lembra bem dele.

Era eu, a minha mãe e a minha avó. Também era doméstica. O meu pai nunca ajudou nada. Era só a minha mãe e a minha avó, coitada, quando podia.

Quando era nos casamentos ela é que ia fazer as bodas. Era muito boa cozinheira. E a minha mãe dava uns dias fora, tratava dos campos, ia-se vivendo assim. Vivia-se era da agricultura, do milho, das batatas. Pelo menos para casa semeava-se. Tínhamos sempre umas cabritas e tal. Para ir fazendo o estrume para as fazendas.

Tive um irmão, mas infelizmente, nem andava, nem comia por ele, nem nada. Acabou por morrer tinha 14 anos.

Educação *Lápis, canetas, vara e régua*

Fui para a escola com 6 anos. Era aqui na Benfeita. É donde está agora a Junta. Era primeira, segunda, terceira e quarta, e só uma professora. Era das nove às três. Era só uma professora e dava aquilo tudo. Agora são precisas não sei quantas para dar a escola. Naquela altura éramos muitos, aí 20, 30. Toda a freguesia vinha para aqui.

Ensinavam o que tinham a ensinar naquela altura. Era diferente de agora. A gente só fazia até à quarta classe. Sabíamos mais. Ainda hoje, pessoas com a quarta classe sabem mais que esses que tem o nono ano e o décimo ano. Nunca fui grande ás para escrever. Escrevia aquilo conforme calhava. Ainda hoje não sou. Nunca liguei a isso.

Havia tudo. Lápis, canetas e até uma vara e uma régua para nos darem com ela. Nós íamos para o quadro, a gente fazia mal, uma varada. Nos ditados dava erros, quantos erros desse quantas reguadas levava. E quando uma pessoa fizesse uma malandrice:

- "Vá! Anda cá."

Mais uma reguada. E às vezes era outros a darem. Às vezes era a professora mas, de vez em quando, era os outros colegas. A professora chegava:

- "Vá, agora dá aí tantas reguadas."

Também cheguei a dar algumas. Umás vezes davam-me a mim, outras vezes também dava eu aos outros. Era assim mesmo.

Infância *O traquina*

Quando foi aí dos 9 para os 10 anos já ajudava. Que remédio tinha eu! Já ia buscar lenha, já ia buscar pinhas, já ia ao mato para os animais. E depois, quando era assim, a partir dos 9 anos e tal, eu era assim um bocado traquina. Saímos da escola às três horas e eu tinha uma tarefa para fazer. Naquele tempo, havia os rachadores, rachavam a lenha nos pinhais para se queimar. Então depois aquilo

ficava lá a secar. Faziam aquilo nas moreiras. A minha tarefa era ir buscar uma moreira. Tinha que ir lá duas vezes. Dois molhos. Mas eu já era assim um bocado possante e então, punha-me aí na paródia. Quando era assim quase ao escurecer, então ia aí pia cima¹ com a corda. Em lugar de ir lá duas vezes, agarrava numa moreira punha tudo na corda, aí vem ele com aquilo tudo "pia baixo"². Fazia tudo de uma vez.

Com as cabras ia, por exemplo, ao domingo ou ao sábado. Íamos com mais dois ou três rapazes vizinhos. Juntávamos o gado todo, íamos aí pelo monte fora, lá para cima, para onde hoje que dizem que é o Caminho do Xisto. Eu estou farto do Caminho do Xisto. Aquilo íamos para lá guardar o gado. Ia para lá para o pasto, pelo mato fora e depois vinha-me embora. Cada um apanhava a sua, metias no curral e vínhamos embora. Agora, tenho o meu vizinho que tem meia dúzia de ovelhas. Há outro rapaz que tem gado. Isto é meia dúzia deles.

Naquele tempo, eu tinha meia dúzia, outro tinha mais meia dúzia e juntavam, íamos aí para o mato com elas. Agora não. Agora tratam das suas já não juntam assim o gado. Outras vezes íamos para a fazenda, no tempo do milho, regar o milho. Íamos de manhã, vínhamos à noite. Cozíamos lá as batatitas e tal. O Moina naquele tempo andava por lá, só a mudar a água:

- "Olha, muda a água."

E eu mudava a água para outro rego, para outro boqueiro. A vida é que era diferente, da terra.

Jogos e brincadeiras

Quando era novo jogávamos o pião, a cocha, ao feijão. À cocha era assim: fazíamos um buraco no terreno e depois cada um agarrava no seu pau. Era tudo à pancada à lata. Aquele que perdesse, depois saía da roda. Entrava outro, depois saía da roda e era assim que se jogava à cocha. O feijão era também um buraquinho e depois cada um tinha o seu feijão. Depois com o dedo, fazíamos-lhe o buraco, o gajo tinha a roda punha lá o feijão mais perto para meter no buraco. Havia algum que não metia, esse perdia. Saía fora da roda.

Brinquedos havia mas poucos tive. Eram uns carritos de madeira, pouca coisa.

¹por aí acima

²por aí abaixo

Namoro *Dez anos um atrás do outro*



Maria das Dores, esposa, e Eliseu Fonseca (Benfeitá, 1961)

Conheci a minha esposa cá, na Benfeitá. Chama-se Maria das Dores da Luz Simões. Eu conhecia ainda novo. E ela também ainda era nova. Andáramos aí à volta de dez anos um atrás do outro. Mais ou menos. Era nos bailaricos, era na rua. Eu andava a trabalhar na carpintaria. Ela fazia tudo por tudo para lá passar, para me ver. Depois comecei a lá ir a casa dela. Lá ia passar o serão ao pé dela. Ela ajudava a mãe a passar marcações e às vezes eu também ajudava. E era assim, como toda a gente. Depois, cheguei lá:

- Olhe venho aqui pedir a mão da vossa filha em casamento.
Pronto, foi assim.

Casamento *Um casamento com fartura*

Marcou-se a data do casamento e vamo-nos casar. Casáramos no dia 2 de Setembro de 1967. Na Benfeitá. Tratou-se de arranjar a vestimenta, os fatos. Para ela a mãe fez. A minha sogra é que era a entendida. Para mim tive que arranjar. Teve que se falar com os magarefes, os carneiros, para arranjamem a carne para a boda. Naquele tempo eram os tios dela. Matavam as cabras e essa coisa toda e

vendiam. Naquele tempo assim é que estava bem. Comprou-se carne e fez-se a boda. Foi em casa onde se fazia o baile e foi numa garagem de um primo nosso, que é da parte de cima da casa da minha sogra. Comeu-se e bebeu-se. Comer era carne, arroz de fressura e cozido. Era doces, arroz-doce, tigelada, pão-de-ló. Vinho com fartura. E coscoréis também. Era assim uma comezaina. Eram cento e tal pessoas.

A cerimónia foi o padre que a fez. Fôramos a pé. Eu saí de minha casa e ela saiu de casa dela. Depois é que se encontrou na igreja. Ela ia vestido de branco e eu ia com um fato.

Descendência *Descendência feminina*

Infelizmente só tivéramos uma filha. Chama-se Elsa Maria da Luz Fonseca. Tem o nono ano. Andou aqui na Benfeita, foi para Côja e depois passou para Arganil. De Arganil, andou, não consegui fazer o quinto ano, veio para casa. Entretanto, abriram o lar. Ela foi a primeira empregada do Centro de Dia. Depois casou-se foi para Coimbra, para uma creche e ainda hoje lá está. Está a trabalhar em Coimbra, mas mora na Lousã.

Tenho uma neta. É a Marta Raquel Fonseca Santos. Presentemente vive na minha casa. Na minha casa moro eu, a minha mulher e a minha neta.



Bodas de Ouro de Maria das Dores e Eliseu Fonseca(Benfeita, 1992)

Percurso profissional *O meu forte...*

A arte de carpinteiro

Comecei a crescer. Aos 11 anos fui começar a dar serventia a pedreiros. Com um homenzinho das obras que tinha uma carpintaria. Andei ali dois ou três anos nas obras, então fui para aprender a arte de carpinteiro. Naquele tempo era tudo muito diferente de hoje. Era tudo feito à mão. Portas, janelas, era tudo feito à mão. A madeira era tudo aparelhada à mão. Não havia cá máquinas, não havia nada. No Inverno fazíamos as coisas na oficina. Era tudo feito à mão, não havia lá máquinas, não havia nada. E depois quando era no Verão íamos para as obras. Assentar as portas, janelas, essa coisa toda. A gente ia para o Monte Frio, íamos para o Sardal, para os Pardieiros, a pé. Íamos para as Luadas, para Pai das Donas. Uma pessoa trabalhava de manhã à noite.

Andava também um sujeito que era aqui dos Pardieiros. Já morreu. Já tinha assim uma idade, e andávamos ali trabalhar para o cimo da Benfeita. Eu levava o meu carrego e ele coitado, não podia já com o dele, que era velhote. Eu agarrava no meu carrego e no dele, levava tudo por aí acima. Era sempre a andar. O homenzito todo contente porque ajudava-o. Levava o carrego dele e o meu. Naquele tempo eu tinha cabedal e podia, hoje não. E foi assim até à idade de me casar.

Entretanto fui para a tropa. Assentei praça em Abril de 1964 e saí em Junho ou Julho de 1966. Não cheguei a ir para fora. Foi tudo cá. Estive na Figueira, depois estive em Tancos. Quando vinha de férias lá ia eu trabalhar. Um mesito de férias lá ia trabalhar para a oficina para ganhar algum para levar. Andei assim até me casar.

Uma pessoa para orientar

Casei-me em 1967. Depois ainda continuei até 1968. Em 1968 então, resolvi ir para Moçambique. Agora, geralmente vão mais para o estrangeiro. Para França, Alemanha, essa coisa toda. Mas naquela altura era só Moçambique. Moçambique e Angola. Eu fui por intermédio de uma pessoa de cá da Benfeita que estava lá. Ele é que me mandou ir. Uma pessoa ia para lá, já sabia que tinha lá uma pessoa à espera deles para os orientar. Lá estive. Primeiro andei lá nas

cantinas. A vender roupas e a comprar isto e aquilo que eles vendiam. Mas vi que aquilo não resultava. Fui então empregar-me numa companhia de estradas. Era motorista. Aí é que foi mais o meu forte. Depois para lá foi a mulher e por lá andáramos até que tivemos que regressar. Aquilo pôs-se ruim. Ainda passámos lá a Independência.



Eliseu na tropa (Pisão, 1964)

O buraquinho

Vim em Julho de 1976. Cheguei cá, tive que arranjar serviço. Andei dois ou três meses aí numas obrázitas. Continuei a dar serventia aos pedreiros. Fazia serviço de carpinteiro, sempre ganhava algum. Até que havia aí um senhor, que era da Benfeita, mas estava no Porto e era o representante dos camiões Magiros. Era parente do meu sogro e eram muito amigos, e ele foi lá comigo pedir-lhe:

- "Deixa estar que eu vou ver se arranjo."

Foi em 1977, no princípio do ano. Esse tal senhor lá pediu a um sujeito que é das Meirinhas, entre Pombal e Leiria. Eu era motorista, então fui para lá.

Andei por lá três anos a trabalhar no barro branco, que era para azulejos e louça sanitária. Era a caminho do Porto, Aveiro. Depois apareceu-me para a Benfeitá um buraquito. Vim ganhar muito menos que o que estava lá a ganhar, mas sempre é na terra. Tinha cá os bocaditos, tinha a casita, então vim para aqui. Depois de vir para aqui fui trabalhar para Côja. Então aí, no dia 18 de Fevereiro de 2009, fazia 29 anos sempre a trabalhar na mesma casa. O último dia que trabalhei foi o dia 16 de Dezembro de 2008.

Costumes *Tempos de alegria*

As ideias dos mais velhos

Nas alturas do Carnaval e do Natal íamos aos cepos, mas é diferente que agora. Agora é um carrinho, uma carrinha, um carro. Naquele tempo eram os carros de bois. Quando os donos dos bois não queriam ir, emprestavam o carro. Então, era a malta mais velha que eu, agarrava no carro, íamos dez ou 15, embora buscar os cepos de castanho. Hoje geralmente o castanho já acabou. É quase tudo de pinho. Isto era uma coisa do Natal. Depois vinha o Carnaval.

No Carnaval, a rapaziada mais velha que trabalhavam comigo lá na oficina e outros andavam por aí, juntávamo-nos todos, arranjávamos uns papéis e fazíamos umas récitas. Chamavam eles récitas, espécie de teatro. A gente decorava aquilo. Depois quando chegava a altura aquilo estava tudo ensaiado, íamos representar no salão paroquial. Lá se arranjava algum dinheiro para algumas despesas, outro dinheiro era lá para a casa do padre, para a casa paroquial. No Carnaval, havia cá umas tradições, que hoje já está-se a perder tudo. Isto já vinha de lá mais antigo.

No Sábado Gordo a malta, quando eu tinha aí 15, 16 anos já andava com os mais velhos. Então íamos correr as lojas onde havia gado, de noite, e ordenhavam-se as cabras. Depois do bailarico, íamos fazer o leite com o café. Era mais leite que café. Então, era a nossa coisa. Sábado Gordo era a ordenha. Chamavam:

- "Vamos ao leite, vamos ao leite!"

E então íamos ao leite.

Havia alturas, esses mais velhos lá tinham mais ideias que os mais novos, quando eu tinha 14, 15 anos, faziam umas cegadas. Juntávamos dez, 12 ou mais, arranjávamos o rapaz que tinha um harmonicozito e depois lá eles arranjavam as cantigas. Havia um rapaz que já morreu, também foi para África, era muito inteligente nessa coisa da música e das cantigas. Então, faziam assim umas

cantigas. Um era este, outro era aquele e tal e depois andávamos aí a correr as terras todas com a nossa cegada. E era assim que se passava o Carnaval. Depois vinha-se com o fado para a rua. Uma vez, nós saímos com a cegada e as raparigas mais os velhotes que ficaram cá, não estiveram por demais, foram com a cegada. Quando chegámos, andavam aí com o fado na rua. O pessoal todo, os velhotes e mais as que ficaram andava tudo na rua. A gente não queria saber. Fomos para casa do meu sogro, lá onde se fazia os bailes, fomos para lá também, para o baile. Depois chegaram eles com o fado e ali se passava o Carnaval.

Pelo Carnaval, tínhamos aí um bombo ou uns zabumba. A gente chamava zabumba, outros chamavam bombo. Era também uma diversão que nós tínhamos. O meu sogro era fadista nisso, até sangue tinha na pele. Ele esfolava os dedos todos a malhar no bombo. Agarrávamos naquilo, um com o bombo, outro com os pratos, outro com a caixa e outro com a colher de pau. Uma colher grande, levava aí 1 litro de vinho. Começávamos a correr aí as ruas da Benfeita, catrapum, catrapum, catrapum. Depois parávamos num lado, lá enchia a colher de vinho, toda a gente bebia. Depois íamos para outro. Enchia a colher de vinho e a gente sempre a malhar com o zabumba. Noutros tempos diz que havia dois bombos. Isso já não é do meu tempo. Que havia um despique. Tinham dois bombos e aquilo era país contra filhos e filhos contra país. Aquilo diz que era uma guerra. O meu tio jogava uma porrada dele e o meu pai. Era um de um lado, o outro do outro. Quando se juntavam jogavam porrada. Pelo Carnaval ainda se fazia mais. Um rancho no fundo, os outros no oiteiro. Os do fundo iam para o oiteiro, os do oiteiro iam para o fundo, e era assim o Carnaval que a gente passava cá.

Um ano, fizemos aqui um pavilhão, no areal onde está a Junta. A gente foi por esses pinhais fora a cortar pinheiros. Agarrámos aquilo, fizemos lá um cerco e lá dentro então trazíamos a música e fazia-se lá o baile dentro. Os do oiteiro viram aquilo, também fizeram lá no oiteiro. Depois uns do oiteiro vinham cá para baixo e os do fundo iam lá para cima. E assim era as nossas festas, nossas brincadeiras durante esse período dos santos e de Carnaval. Depois era música de um lado, música do outro. Pelo Carnaval cada um saía com o seu rancho, a dar a volta às ruas. Às vezes encontravam-se num lado, mas ninguém tratava mal ninguém. Cada um levava a sua música, cantavam as nossas cantigas. Passavam uns por os outros, eles lá iam para a vida deles, nós íamos à nossa. Depois entretanto acabava o Carnaval.

Ao fim de acabar o Carnaval fazia-se o enterro do Entrudo. Arranjava-se um palhaço numa escada. Levávamos aquilo e depois ia-se queimar aquilo. Pronto, acabava o Carnaval. Na Quarta-feira de Cinzas, havia grelos. Ia-se apanhar porque não se podia comer carne. Ia-se aí pelos chãos fora, apanhar grelos de nabo. À noite, cozia-se os grelos com bacalhau e assim acabava a festa com

os grelos. Na Quarta-feira de Cinzas acabava então o Carnaval e começava a Quaresma. Aí então já não se podia comer carne nem nada. À sexta-feira, porque nos outros dias comia-se. Era assim as nossas festas cá, as nossas brincadeiras.

Tradição de São João

Na noite de São João, as pessoas tinham aí vasos assim com craveiras e essa coisa toda, à janela, nas escadas, nas varandas. A gente de noite era ir roubá-los, pô-los na praça, na fonte. Os donos não gostavam mas que é que eles faziam? Quando eles davam conta já estavam lá. Depois tinham que ir buscá-los. Havia uma senhora, que era vizinha da minha sogra, tinha até uns arcos e umas pedras onde tinha os vasos. Às vezes ela vinha para a janela atirar água para a gente. A gente despiam a camisa e ia por uma escada. Ela a atirar a água e a gente a tirar os vasos.

"Quando ele deu por ela já não tinha lá nenhum"

Lá acima para o oiteiro, havia um senhor que tinha lá uns craveiros muito bonitos, que era o Fagueiro. Aquilo tinha uma cancela ao fundo e tinha uma escadaria. No cimo da escadaria tinha a porta para entrar para dentro de casa e tinha ali um balcão onde tinha os vasos. O que é que ele faz para a gente lá não ir roubar? Amarra uma corda à cancela e à perna e quando uma pessoa fosse a abrir a cancela, ele acordava. O que é que a gente faz? Já estavam outros da parte detrás. Abriu-se a porta, o gajo veio lá com um carvalheiro e trás! Mas a gente fechou a porta de repente e bateu na travessa da porta. Depois começaram a entretê-lo de um lado e os outros a roubar-lhe os craveiros do outro lado. Quando ele deu por ela já não tinha lá nenhum. A gente depois fugiu e ele lá ficou sozinho.

Era tradição. Ainda hoje fazem, mas já não é nada daquilo. Hoje, a gente já sabe como é e arrecada os vasos, mas naquele tempo ninguém arrecadava. Era muito raro arrecadar. Às vezes caixotes de sardinha, já todos a escangalhar-se. A gente com eles às costas e escangalhava-se no caminho. Já não ia para casa da dona. Era assim. Eram tempos de alegria. Bebiam-se uns copos e tal. Uma pessoa andava sempre animada.

Festas religiosas



Sexta-Feira Santa, Eliseu é o primeiro, vestido de S. João e a esposa é o 2º anjo a contar de cima (Benfeita, 1959)

Pela Páscoa, era a tradição de vir o padre a casa. A procissão do Senhor. Era o encontro do Senhor.

As festas religiosas são como sempre, religiosas. É a missa e depois procissão. Vem a banda e tal. Depois dá a volta à rua com a procissão, com os andores. Aqui na Benfeita tem a capela da Senhora dos Passos e de Santa Rita. Há também no meio da povoação a capela da Senhora da Assunção. E depois é a igreja matriz. O santuário que há em cima é da Senhora das Necessidades, da Senhora da Guia e São Bartolomeu.

O relato



Procissão da Nossa Senhora das Necessidades (Elsa, filha de Eliseu a segurar o andor, com calças verdes)

Naquele tempo a rapaziada era tudo muito diferente do que é agora. Era tudo mais unido. Agora não querem saber de nada disso. Não ligam nada. E se um vai para aqui o outro diz:

- "Ah não! Eu quero ir para ali, quero ir para a discoteca."

E vão uns atrás dos outros. A rapaziada nova não liga nada a isso. Antigamente sim, era muito diferente de hoje. Não havia discoteca, era os bailes. Era assim os bailaricos pelo Carnaval. Ao domingo entretínhamo-nos por aí a jogar à bola na rua, a jogar as cartas. Era assim o nosso domingo. Às vezes alugávamos um carro. Era um carro de aluguer que havia. Ainda hoje há, mas está na Dreia. O rapaz é da Dreia. Alugávamos, geralmente íamos cinco. Eram só quatro, mas ele levava cinco. Pagávamos 25 tostões cada um e lá íamos todos

para Côja, naquele tempo ouvir o relato, depois vínhamos embora. Entretanto já um sujeito comprou um rádio. Tinha lá na mercearia, na loja dos vinhos e a gente lá é que se entretinha a ouvir o relato. Outros a jogar as cartas e por aí andávamos.

Ranchos e ranchito

Houve um ranchito que se formou na Benfeita depois do Manjerico. É Rancho Infantil ou Juvenil e Infantil, era assim uma coisa. O Rancho do Manjerico era miudinho ainda. Tinha aí 2 ou 3 anos, não me lembra muito bem. Assim como o do Benfica. O meu tio é que era o organizador daquilo. Ele andava lá e depois acabou por me meter lá também. Eu era o Tesoureiro, ele era o Presidente. Depois nós saíamos para aqui. Íamos aqui e ali às festazitas que nos pediam para ir e a gente ia. E andávamos por aí. Pedíamos um carro, íamos por aí.

Pratos típicos

Na Benfeita é tudo bom. Come-se bem. No Natal são a tibornada, as filhós. Na noite de Natal vem a família. Juntamo-nos todos. Há muita gente que não faz, mas a gente geralmente em casa é tibornada. Temos batata cozida com couves e bacalhau. Ao fim daquilo estar cozido, tira-se-lhe a água. Escoa-se bem escoado e mete-se-lhe o azeite para dentro. O azeite, quando está a ferver a gente mexe aquilo muito bem mexido. Aquilo fica assim tudo mastigado. Também leva um bocadinho de alho. Depois serve-se aquilo. É muito bom. Há também o arroz de fressura, há a chanfana, que também é das boas que se comem cá na terra. Essa não vem lá do estrangeiro. A gente quando quer carne boa chega aí ao magarefe:

- É pá! Quando tiveres uma coisa boa traz, que preciso.

Geralmente costumamos comprar uma cabra, uma ovelha, um carneiro e depois meto na arca. Mas não compro isso a chegar às festas, é antes. Porque nas festas eles vendem tudo e mais alguma coisa. Então, eu falo com eles:

- Preciso disto assim, assim.

Eles lá se encarregam de me arranjar a carne. Às vezes manda-me carne que parece vitela. Uma vez comprei um carneiro deu 56 quilos. A carne do carneiro parecia vitela. É verdade.

Também tinha que se comer bacalhau e sardinha, peixe. Bacalhau naquele tempo era assim um bocado mais fugidio. Custava dinheiro. Era mais a sardinha. Hoje é a sardinha que está mais cara que o bacalhau. Era sardinha frita, sardinha assada e assim se passava. Vinha o sardineiro e depois havia umas senhoras que lhe tiravam o peixe e vinham vender às portas. Uns dias era um bocado de carne. Era ao domingo sempre quando se melhorava a comida. Sempre se comprava

um bocado de chanfana para se fazer ao domingo. Ou se matava um coelho ou uma galinha. Ao domingo era sempre assado.

"Já não compensa"

Noutros tempos havia muita azeitona. Há cá bom azeite. Este ano apanhámos 80 litros de azeite. Eu mais a minha mulher sozinhos. Hoje ainda há muita azeitona, mas metade dela ou mais ainda ficou nas oliveiras. Já ninguém liga. Hoje, uma pessoa a pagar a pessoal de fora para apanhar a azeitona não compensa. Vai-se para o olival apanha-se a azeitona e depois vai para o lagar. Do lagar trazemos o azeite. Noutros tempos, tínhamos um lagar ao pé do senhor Artur e tínhamos outro à saída da Benfeita. Havia outro a seguir à Dreia e um ao fundo da ermida da Senhora das Necessidades. Eu sei lá! Havia quantos lagares da Benfeita até Côja, na ribeira. E chegavam a trabalhar todos.

Aquilo tinha os donos dos lagares. Nós levávamos lá a azeitona e eles tiravam a maquia deles. Nós trazíamos o que eles nos queriam dar. A azeitona, quando era assim de fora tinham que ir, chamávamos um carreiro, com os bois. Havia um ensacador. Iam aí para as povoações ensacar e depois os bois transportavam para o lagar.

No lagar aquilo é assim: chegava, eles descarregavam, depois aquilo era por ordem. Quem estava primeiro é que seguia. Punham para dentro do pio, moíam a azeitona. Ao fim de estar moída ia para uns capachos ou umas seiras. Depois ia para umas prensas e aquilo era apertado, à mão. Às vezes, quando era miudinho íamos para lá, de noite, pimba, pimba. A puxar a tranca da coisa. Quando aquilo estivesse espremido ficava ali a descansar. Daí a muito tempo, tiravam aquilo fora, era lavado. Depois tornam a apertar, ia lá para as tarefas. Aquilo era muito bem escaldado. A água ia para o fundo e o azeite ficava ao de cima.

Depois tinham vasilhas do lagar ou bidões. Umhas latas que eles tinham. Transportavam aquilo às costas, para casa dos donos do azeite. Cheguei a trabalhar lá no lagar, ensacador. Às vezes agarrava no bidão de 50 litros e ia "pia cima" direito ao Sardal com o bidão às costas, dentro de um saco. Ia a casa das pessoas.

Torre da Paz

A Torre da Paz, por aquilo que eu tenho ouvido falar aquilo é um símbolo de quando acabou a guerra. Parece-me que é a única no mundo inteiro. Celebra aqui na Benfeita o 7 de Maio. Depois, fizeram aí aquela torre que é o Sino da

Paz. Foi derivado a acabar a guerra. Ficou o Sino da Paz. A gente diz que é a Torre de Salazar, outros dizem que é o Sino da Paz, e é assim.

Candeeiros de antigamente

Isto está muito diferente. Naquele tempo era tudo velharias, hoje praticamente está tudo novo. Antigamente não tínhamos luz. Era com candeeiros de azeite e petróleo. Punha-se lá o azeite com uma torcidazita. E o petróleo, era um candeeiro de vidro. Era um candeeiro que era alto. Tinha umas alhetas, enfiava-se ali uma chaminé. Tinha o petróleo, depois tinha uma torcida lá dentro e tinha um registo. Um gajo ia puxando a torcida, punha o lume ali e era assim. O lampião era o mesmo. Mas esse já era diferente. O lampião também era alto, mas era com uma gradezinha em arame por fora. Tinha uma asazita, um aramezinho por cima e a gente andava com aquilo para aqui, para ali. Quando queria mais luz puxava o registo, a torcida vinha para fora botava mais luz. E velas também.

O milho rei

Os moinhos eram onde se moía o milho para fazer a broa. Noutros tempos não havia pão. Era só a broa. Quem é que comprava pão de trigo? Era de semana a semana. Nós semeávamos o milho. Quando estava seco apanhávamos, debulhávamos e ia para a arca. E depois ia-se moer. Primeiro fazia-se a farinha. Depois vinha-se para casa e fazia-se o pão. Aquecia-se o forno, cozia-se a broa e era assim.

Na debulha gente ia ajudar uns aos outros:

- "Ó fulano hoje vais lá ajudar."

- Está bem.

Ao outro dia:

- "Olha hoje debulho eu."

Íamos debulhar aquelas hoje, outros amanhã, depois noutro dia vinham cá a casa e era assim que se fazia. Quem queria ir ia. Quem não queria ir não ia. A pessoa que tinha a debulha convidava este, convidava aquele e a gente ia. Juntava-se lá assim durante a noite. Enquanto não se acabasse a debulha não se vinha embora. A gente estava sentado no chão. Atrás de nós estava um monte de milho. Com um pauzito, punha o milho entre as pernas e trás, trás, trás, trás. Ia tirando para fora e as mulheres iam debulhando o que ficava no casulo. O milho está por fora. A gente tira o milho, fica o casulo. Quando a gente estávamos na debulha e apanhávamos uma espiga, chamava a gente de milho rei, é o milho vermelho, quem o agarrava depois ia dar um abraço a todas as pessoas que

estavam lá com a espiga na mão. Chamam o milho dos abraços. Geralmente eram os rapazes que estavam a malhar. Iam dar às raparigas e às mulheres, a toda a gente. Depois havia um copozinho de doce ou jeropiga ou de anis. No fim da debulha davam e a gente vinha todo contente para casa. Ao outro dia, se o milho estivesse bom tiravam-no para a rua. Punham uns toldos. Uns chamam maranhas, outros chamam toldos. Estendiam aquilo ao sol. Andava ali três ou quatro dias. O milho estava seco ia para a arca. Depois da arca então é que ia para o moinho. Isto era feito no Verão. Em Agosto, Setembro.

Do tradicional ao moderno

A matança do porco era no Inverno, em Janeiro ou Fevereiro. Naquele tempo quase toda a gente criava porco. Depois havia aí um matador. Chamava-se o matador, ia matar o porco. Depois lava-se o porco e fazia-se uma comezaina. Primeiro ele sangrava o porco. Tirava-se um bocado de sangue, cozia-se o sangue. Enquanto se andava a preparar o porco, ia o sangue cozido para cima da carne do porco. Comia aquilo, bebia um copo e está a andar. Depois então havia o almoço. Fazia-se o almoço com torresmos e com outras coisas. Batatas ou grão cozido com bacalhau e torresmos. Era assim que se passava. À noite o matador vinha desmanchar o porco. Comia-se então as fêveras e uns copos.

Geralmente naquele tempo havia as pessoas que salgavam um presunto e uma pá. Outras salgavam só o presunto. Aquela que era para salgar punha-se na arca. Na arca, mas não era frigorífica. Era uma salgadeira. A outra carne era aproveitada para fazer as chouriças. Naquele tempo havia umas panelas de barro. Os lombos, coziam aquilo ou fritavam, e punham dentro do azeite naquelas panelas. Depois ia-se tirando durante o tempo. O presunto pendurava-se na loja. Quando lhe apetecia um bocado de presunto, chegava lá, cortava e está pronto a comer. Na altura vinham as favas. Então chegava à pá, cortava um bocado e misturava nas favas. Deitava as favas com aquilo.

Fazia-se o enchido. Não sei bem como é que isso é tratado. Isso é lá com as mulheres. Elas lá escolhiam aquelas carnes. Umas para as chouriças de carne, outras para as chouriças de bofe, outra para as morcelas, outra para bucho, para as polmeiras³. Para as "polmeiras"⁴ cozia-se os ossos do espinhaço do porco. Naquela calda, então ali é que punham farinha e é que faziam. Espelissava-se⁵ os

³chouriças de polme

⁴chouriças de polme

⁵desfiar a carne

ossos e faziam dali as "polmeiras"⁶. A gente chama "polmeiras"⁷, outros chamam farinheiras. É aquela chouriça amarela. É só quase farinha.

As chouriças primeiro iam ao fumeiro, secavam. Geralmente, naquele tempo era dentro de casa, mas hoje, aqueles que têm fumeiro é fora, porque não há lareira. Antigamente, eu quando era miúdo não tínhamos fogões não tínhamos nada. Era na lareira que acendíamos o lume, ali estávamos de noite, cheios de fumo. Isto era tudo muito diferente. Era tudo quase de madeira, tudo farrusco, tudo cheio de fumo. Ali é que se secava o enchido. Durante o dia punha-se um bocadinho de lenha de manhã, poucozinha. Depois quando íamos fazer o comer, então já punha mais um bocado. À noite quando íamos para a cama deixava-se ficar lá uma coisinha poucozinha a arder para aquilo ir secando. Estava ali três ou quatro dias a secar ou mais, conforme fosse preciso. Depois tirávamos. As que chamam as pretas, que é as farinheiras, essas não iam assim para muito longe. Isso ficava mais fora que era para se comer mais depressa. Aquilo ao fim de um certo tempo começa a rançar. Então ficavam assim por fora para se comer mais cedo. As de carne é que a gente metia dentro do azeite. Também se punham nas panelas de barro e algumas ficavam penduradas. Aquelas para irem comendo no quotidiano ficavam fora, as outras iam para lá. Quando queria uma chouricinha ia lá buscá-la à panela do azeite. O bucho também é bom. É com umas carnes melhores. Os rins e o coração. Aquilo é tudo migado, leva lá os temperos. Depois é misturado com arroz. Aquilo é cheio e depois vai a cozer. Às vezes calha mal. Calha mal porque rebentam quando elas estão a cozer. Depois uma pessoa fica assim com o nariz um bocado torcido porque não as aproveita. E se aproveitar alguma coisa ficam assim deslavados. O bucho comia-se mais rápido possível porque também se estragava.

Depois apareceu esta coisa da electricidade. Cada um começou a comprar um frigorífico, uma arca. Então depois já se punha na arca. Ainda hoje a gente faz e pomos na arca. Já não pomos na panela do azeite. Nós fazemos vai tudo para a arca. Quando precisamos vamos lá buscar. Mesmo o lombo, chega vai para a arca. A gente precisa um bocado de lombo, corta-se antes já aos bocados, chegamos lá, vamos buscar um bocado. Faz-se o que calhar com o lombo e costelas.

Mercearias e tabernas

Havia na Benfeita dois irmãos que eram sapateiros. Também havia alfaiates. E era a carpintaria. Era a cavar terra e rachar lenha. Havia para aí tanto comércio.

⁶chouriças de polme

⁷chouriças de polme

Que eu me lembra: era o tio Firmino, o Zé Rosário ou Manuel Rosário, era o tio Artur Dias, era o Zé Maria, o Manuel da Rosa, era o pai do senhor Artur, o Pessimista, sei lá! Eram tantos que eu já nem me lembra. Por exemplo, o Artur Dias era só vinhos. O Artur de Oliveira tinha mercearia e vinhos. O Pessimista tinha mercearias e vinhos. Aqui antigamente o pai do Artur não tinha vinhos, depois é que começou a ter mercearia e vinhos também, como ele hoje tem.

Ao domingo era nas tabernas. No Artur Dias, no Artur de Oliveira. Chamávamos nós o lagarão. Onde ele vendia o vinho. Mais tarde era no Zé Maçaroca, que é o pai do senhor Artur. Era assim, nas tabernas ao domingo. Ao sábado uma pessoa andava a trabalhar. Toda a gente trabalhava. Ao domingo ia-se à missa e depois vinha-se para a taberna. Estava-se ali toda a tarde na taberna. Almoçava-se ia-se para a taberna jogar as cartas. Eu ainda hoje faço isso. Ainda hoje almoço, vou para o café toda a tarde a jogar cartas. Se houver parceiros jogámos à sueca.

"Uns tipos de enfermeiros"

Médicos noutros tempos não me lembra. Havia aí uns tipos de enfermeiros. Era o tio Augusto Martins. Andou na tropa, lá aprendeu de enfermeiro ou coisa assim parecida. Havia outro tio meu também. Foi na tropa que aprenderam. Quando alguém se aleijava, uma injeção ou qualquer coisa, era a eles que recorriam.

Esse meu tio até tinha uma égua. Ia pela serra fora. Lá para a serra ele é que era o senhor doutor. Tinham mais confiança nele que num médico qualquer que viesse de Côja. Ia para os Pardieiros, para o Sardal e para mais longe. Naquela altura, não sei se ele já teria telefone. Vinham cá à Benfeita as pessoas chamá-lo: - "Olhe tem que ir."

E ele então coitado lá ia. Ele tinha medicamentos. Tinha tintura, álcool, adesivo e gaze e lá arranjava aquilo. E mesmo coisas que faziam da autoria deles. Tinha outro tio que esse sabia muito de enfermagem e de fazer medicamentos da autoria dele. Parece que ele esteve num laboratório. Fazia bebidas e bombas para foguetes. Era muito inteligente para braços e pernas partidas. Chegava-se lá com um braço partido ficava logo ali direitinho. O quê era assim já um pouco atabalhado. Era assim já à pressa, ao desenrasca.

Os medicamentos eram xaropes caseiros. Com limão e mel. Uma coisa assim parecida. Naquele tempo não havia Aspirina era um Áspero. Assim uns comprimidos. Em Côja é que havia farmácia. Quando se precisava ia-se a Côja buscar. Ainda lá fui algumas vezes a pé buscar medicamentos para o meu tio.

Aguardente da boa

Nós fazemos a vindima. Esmaga-se os cachos, tira-se o vinho e depois fica o cardaço. Está ali oito dias e tal. Uma pessoa pede ao dono do alambique:

- Olha precisava de fazer a minha aguardente.

- "Então olha, tal dia."

Tal dia íamos fazer a aguardente. Levávamos aquilo para o alambique. O cardaço ou engaço. A gente chama o cardaço. Íamos para o alambique, carregávamos o alambique e depois estávamos ali até sair a aguardente. Punha-se lenha para a fornalha, com pouco lume que era para não agarrar. Depois aquilo saía numa bica serena e ali estávamos cinco, seis horas para fazer uma alambicada. Havia um tipo que até foi para Arganil, que fazia de mel. Tinha muitas colmeias e então ele fazia de mel. Para a serra é que fazem muito, de mel e de medronho. Na Benfeita só o bagacinho e é bom. Eu já há mais de 20 anos que nem tenho feito. Faço a vindima e depois dou aquilo a quem quer fazer. Dá-me 5 litros de aguardente e o resto fica para eles. Tiram sempre 15, 20 litros. Portanto, não ficam a perder.

Bruxas e Lobisomens

Diz que havia umas bruxas que passavam aí e os lobisomens. Vinham as bruxas dançar de noite. Só as pessoas mais velhas é que podem explicar. E dos lobisomens. Diz que era um homem transformado num boi. Que andava pela rua fora. As pessoas que se metiam em casa e eles passavam. Não sei se é assim se não é.

Lugar *Pedaços do tempo*

"Uma Liga desligada"

A Liga de Melhoramentos já foi uma Liga boa. Agora está uma Liga desligada. Faziam-se festas e uns bailes. Ainda hoje se fazem. Quando fazem um baile, uma festa qualquer, ali é que se faz. Tinha-se bar ao domingo. O meu tio, se ele não morre, ainda aquilo hoje estava a funcionar. Morreu, pronto, aquilo acabou tudo. Ele é que era lá o chefe. Fazia lá uns petiscos. Uma pessoa ia lá, comia lá um petisco, bebia uns copos e assim se passava o tempo.

"É um mimo"

Só agora neste poucos anos arranjaram as ruas. Isto na Benfeita levou uma reviravolta. Fizeram uma piscinazinha. Aquilo é um mimo que está aí na Benfeita no Verão com o quiosque. Mas aquilo está alugado. Vêm em Junho ou Julho, por cinco meses alugaram aquilo. No Verão está tudo cheio de mesas pia fora⁸. Mas as ruas, a luz eléctrica, nem cidades têm uma iluminação como nós temos na Benfeita. Isto é um mimo que temos. Uma coisa mesmo linda. Agora vai-se continuando. O Presidente da Junta também é assim um bocado dinâmico, vai continuando aí a fazer. A melhorar aqui, a melhorar ali. Não é só na Benfeita, também tem de ser nas freguesias.

A Benfeita é a minha terra. Onde nasci, onde cresci, onde estou a residir. Onde fui baptizado e casado. Só estive aqueles anos fora, em África, mais aqueles três anos que estive nas Meirinhas, de resto foi sempre aqui e sempre na mesma casa.

É bonito, é bom. No Inverno é um bocado frio, mas no Verão... Visitar a Benfeita, a Fraga da Pena, a Mata da Margaraça. Depois tem seguimento para o Piódão. Tem o Caminho do Xisto também. Já está praticamente tudo feito. Na Benfeita ainda há uma gentezita no Verão. No Inverno está tudo para Lisboa. Depois vêm no Verão. Há mais calor. No tempo das festas é que vêm cá. Depois tornam a regressar à base. Lá é que têm a vida deles.

Água: fonte de vida

Lavadouros nunca tivemos. Vinham lavar à ribeira. Fontes ainda hoje há. Temos a Fonte do Tanque, na casa da Junta, a Fonte do Areal, no meio da povoação, a Fonte da Capela, outra na praça que é a Fonte da Praça e está outra ao fundo que é a Fonte do Fundo. Para o Verão há a Fonte das Moscas. Aquilo lá é fresquinho. No Verão uma pessoa vai para lá passar um bocado, está lá à fresca. Mas aquilo é a fonte que está a correr sempre, não é da rede. Depois há lá no oiteiro também, as fontes do oiteiro. Há para lá uma ou duas. Há umas também na estrada nova e uma que é a Fonte de Lagares. Mas isso é particular. A gente quando precisa da água, quando lá estão os donos vai lá buscar. A água é muito boa. Vamos lá buscar uns garrafões.

⁸por aí fora

"Boa gente"

Têm vindo estrangeiros. Presentemente estão quatro estrangeiros a viver na povoação. Os outros estão nos buracos, mas pronto, sempre vêm, sempre aparecem. Sempre é mais pessoas que aparecem e são eles que ainda têm estado a segurar a escola. Têm muitos filhos e lá trazem os miúdos na escola. Os que estão no centro da povoação a gente fala, eles convivem. A gente se lhe paga um copo de vinho eles também querem pagar. É boa gente. Está outro casal mais para cima da povoação. Esses não quiseram comprar no centro. Compraram para cima e diziam eles:

- "Não queriam ver a luz."

Mas é também um casal muito simpático. Aqueles no Espinho. E há outros. Eles são simpáticos só que lá têm outras coisas deles. Os da Teixugueira lá vivem. São uns poucos que por lá andam. Estão nos buracos. Descalços, nem cortam o cabelo, nem fazem a barba. Não sei o que é que eles fazem, nem sei o que é que eles comem. A gente não vai lá. Só se calhar a passar, mas é muito raro. Agora os outros não. Já são pessoas mais civilizadas. Há uma que faz uns bonecos, uma coisa qualquer. Depois lá fazem umas feiras.

Quotidiano "*A agricultura não dá*"

Eu presentemente não faço nada. O campo está quase tudo de relva. Pouca gente já cultiva porque a agricultura não dá. Uma pessoa semeia qualquer coisa para casa, mas mesmo assim, só se for feito por nossa mão porque estar a pagar a pessoal não dá.

Quando uma pessoa está boa vai até à fazenda. Tem as videiritas para tratar, tem qualquer coisa sempre para fazer. Arranjar isto, arranjar aquilo. São umas batatitas, umas couves, umas favas e feijão e pouco mais. Neste momento só tenho dois cães e o gato. As galinhas, os periquitos e os canários. Para consumo só tenho as galinhas. Estou a tencionar comprar uns coelhitos para passar o tempo. Vou para a fazenda, levo os cães e tal. Entretenho-me por lá. Depois venho embora para casa. Infelizmente a minha mulher não pode trabalhar. Já foi operada duas vezes ao coração. Eu também sofro muito da coluna, também não posso. Eu andei uma vida inteira sempre agarrado aos camiões. Foram 32 anos por a estrada fora. Vamos fazendo só para nós.

Sonhos *Paz e saúde*

O meu sonho é que tivesse saúde. Para mim e para os meus, até morrer. E que houvesse paz. Tendo paz e saúde já há tudo.

Avaliação "*Devia ser mais vezes*"

Acho muito bem. Isto devia ser mais vezes. Isto daqui a amanhã, esta gente que hoje anda aí, essa rapaziada nova não liga nada a isto. Mas depois daqui a uns anos são capazes de ouvir esta história:

- "Olha o meu pai, olha o meu avô. Olha isto assim, assim."

Hoje andam para aí. É com os auscultadores ao ouvido e com o telemóvel na mão. É isso que eles querem. Não se lembram de nada disto. Eu acho que é muito bom, muito bom.